

Lembranças de aluna/professora numa escola criada por uma mineradora de carvão: memórias e significados¹

Giani Rabelo

Resumo

O artigo apresenta percepções teóricas metodológicas sobre duas entrevistas que trazem as lembranças de uma aluna e também professora numa escola criada pela Carbonífera Próspera S.A, em Criciúma, sul de Santa Catarina, em 1946. Além de tratar da relação do trabalho com a educação numa perspectiva histórica, o referido estudo problematiza a memória no âmbito da história oral como fonte histórica de pesquisa.

Palavras-chave: Educação e Trabalho; História da Educação; História Oral; Memória.

Abstrac

The article presents metodologics theoretical perceptions on two interviews that bring the memory of a pupil and teacher in a school created Prospera Carboniferous in Criciúma, south of Santa Catarina, in 1946. Besides discut the relation of the work with the education in a historical perspective, the related study problematiza the memory in the ambit of oral history as historical source of research.

Key-words: Education and Work; History of the Education; Oral History; Memory.

¹ Trabalho apresentado a professora Maria Stephanou, na disciplina Memória, História e Educação do Programa de Pós-graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Existem várias formas de abordar o tema educação e trabalho. A maior parte dos estudos tem se voltado para uma análise crítica das mudanças atuais do mundo do trabalho, mas poucos se propõem a fazer uma análise sob uma perspectiva histórica dessa relação, tratando-se ainda de um tema pouco explorado no campo da História da Educação.

Alguns estudos têm apontado o interesse das empresas carboníferas, situadas na região do Sul do Estado de Santa Catarina, na implantação de escolas nas suas vilas operárias, desde seus primórdios². Esse artigo apresentará uma dessas iniciativas que se deu com a criação da Escola Reunida José Martinelli pela Carbonífera Próspera S. A., em 1946, na cidade de Criciúma, a fim de compreender como foram sendo formadas essas escolas e que significados essas experiências tiveram para aqueles que fizeram parte de sua história, na condição de aluno/a ou professor/a.

Farei uma aproximação dessa experiência por meio de alguns “retalhos” da história de vida da Profª Rosaria Meis Sanches Costa³, de 63

² O carvão mineral no sul do Estado de Santa Catarina foi encontrado no início do século XIX. Durante a Primeira Guerra Mundial houve a queda nas importações de carvão, este setor então, ganha um impulso expressivo. Nos anos 30 e 40 do século XX, foram criadas políticas para aquecer a indústria nacional e uma delas obrigava a compra de carvão nacional pelas siderúrgicas. Nesse período, vários municípios da região começaram a explorar o carvão ou criar atividades ligadas a este setor, formando assim a chamada região carbonífera. Segundo Goularti, a região carbonífera “compreende os municípios de Criciúma, Içara, Araranguá, Siderópolis, Urussanga, Forquilha, Lauro Müller, Nova Veneza, Morro da Fumaça, Orleans, Tubarão e Imbituba. Em Tubarão e Imbituba não há minas, mas fazem parte do complexo carbonífero por causa do beneficiamento (Lavador de Capivari e Usina Termelétrica Jorge Lacerda) e do transporte do carvão (Porto de Imbituba)” (2001, p. 56). No governo Vargas, a indústria carbonífera recebeu novo incentivo, em virtude da política protecionista que obrigava o consumo do carvão nacional e, posteriormente, com a criação da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), em 1946. Nos anos 40 e 50 do século XX, várias minas operavam na região e pertenciam a pequenos proprietários locais, grandes empreendedores cariocas e uma estatal (Companhia Próspera, subsidiária da CSN). Ao longo dos anos de 1960, inicia-se o processo de concentração e centralização de capital, culminando no início dos anos 70 do século XX com apenas 11 mineradoras. Concomitante a esse processo de concentração e centralização ocorreu também o início da diversificação das atividades econômicas da região. Com os choques do petróleo dos anos de 1970 e dentro de um projeto mais ousado de industrialização comandado pelo Estado, o carvão catarinense passou a substituir os derivados de energéticos. Em 1985, as atividades carboníferas geravam aproximadamente 11 mil empregos diretos, havendo uma ampla estrutura produtiva e institucional apoiada pelo Estado que garantia a extração, o transporte e o beneficiamento do carvão. A partir da desregulamentação e da privatização do complexo SIDERBRÁS, iniciadas em 1990, o carvão catarinense deixou de ser consumido pela indústria siderúrgica nacional, restando apenas a Termelétrica Jorge Lacerda como consumidora. Como consequência, a produção nos anos 90 do século XX caiu, gerando apenas 2,8 mil empregos diretos. Entre as cidades da região carbonífera, a que mais se destacou economicamente, no decorrer da história da mineração de carvão, foi Criciúma, sendo assim, esse município exerceu e exerce até os dias de hoje uma forte influência sobre os demais.

³ Nascida em 27/09/39

anos de idade, obtidos através de duas entrevistas, uma realizada em 14/06/1998⁴ e a outra em 27/05/2002⁵.

Passagens de nossas vidas podem ser comparadas a uma peça de tecido, de um retalho. Faço essa analogia por entender que a nossa vida não é homogênea e nem linear, trata-se de um conjunto de experiências assim como uma composição de retalhos, pois não encontramos uma homogeneidade quando ligamos formas e cores. A palavra retalhos serve para expressar alguns momentos da vida escolar de D. Rosaria. Momentos estes que não podem ser separados entre aqueles pertencentes ao passado e ao presente, pois em nossa memória o ontem e o hoje se inter cruzam o tempo todo. No decorrer de nossas vidas, cada um de nós constrói sua “colcha de retalhos”, individual e coletivamente e ali fica registrada nossa história de vida.

D. Rosaria experienciou a condição de aluna e, posteriormente, a condição de professora e por meio de sua memória, que não é só individual, mas coletiva, buscarei compreender os significados dessa vivência e também problematizar teoricamente a memória, no campo da história oral como fonte histórica de pesquisa. Inspirada em Paoli, nesse trabalho, pretendo “fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica” (1992, p. 27).

Antes de entrar no foco central desse estudo, que são as lembranças das práticas escolares de Rosaria na Vila Próspera como aluna e professora, procurarei historicizar, mesmo de forma incipiente a questão a ser problematizada.

1 As mineradoras e suas vilas operárias

Para garantir e manter mão-de-obra nas minas de carvão, as empresas carboníferas criaram vilas operárias. Era muito comum os donos das minas oferecerem, juntamente com o emprego outros espaços de sobrevivência e lazer como casas, terrenos, clubes de festa e de futebol, armazéns e escolas, formando assim as vilas operárias mineiras.

⁴ Esta entrevista foi realizada pela prof.^a Marli de Oliveira Costa, no trabalho de pesquisa de campo para a elaboração de sua dissertação de mestrado intitulada “Artes de Viver”: Recriando e Reinventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera-Criciúma (1945/1961), defendida em fevereiro de 1999, no Programa de Pós – Graduação em História do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

⁵ Realizada por esta pesquisadora

As vilas operárias têm seu surgimento ligado ao desenvolvimento do capitalismo, mais precisamente ao processo de industrialização, não só no Brasil, mas no mundo.

O trabalho industrial demandou a criação de vilas para que os trabalhadores e suas famílias pudessem residir mais próximos aos locais de seus empregos. Além da “preocupação” com a moradia dos/as trabalhadores/as, pois isso garantia maior produtividade, havia também o pensamento dominante de que essa força de trabalho deveria ser mais bem disciplinada para o trabalho. A “domesticação”, a submissão, a disciplina do operário/a passava também por dispositivos de controle social externos às fábricas, presentes no cotidiano das vilas operárias. Dentro desse pensamento, pode-se afirmar que a educação e mais especificamente, as escolas, nas vilas, cumpriam em parte esse papel.

Casas eram construídas pelas maiores empresas carboníferas da região para serem alugadas ou financiadas. Essas casas que constituíam as vilas operárias mineiras geralmente estavam localizadas no entorno das minas ou nas proximidades.

Nesse estudo, a Vila Operária em questão é a da Carbonífera Próspera localizada em Criciúma, pois é nela que residia a Professora Rosaria Méis.

Essa vila tem suas origens com a criação da Carbonífera Próspera Ltda, localizada em Criciúma, fundada em 27 de janeiro de 1921. Duas décadas mais tarde, passa a ser uma das empresas mineradoras de maior expressão na região e sua denominação é alterada para Carbonífera Próspera S.A., de economia mista. Em 1953, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) já instalada na região⁶ negocia o controle acionário da empresa pelo fato de a mesma ter grandes jazidas de carvão de boa qualidade e a empresa passa a ser denominada simplesmente de Carbonífera Próspera. Nos fins de 1960, com a reestruturação técnica e administrativa da CSN, a mina de carvão de Siderópolis (município vizinho) é incorporada à carbonífera. Em 1981, a empresa incorpora também a Carbonífera Barão do Rio Branco, localizada em Içara (também município vizinho), que tinha a CSN como principal acionista. Dois anos depois o Lavador de Carvão de Capivari é também incorporado à empresa. Em 1985, a direção que assume a empresa é constituída por indicações políticas (PMDB e PFL que compunham aliança em nível federal). Em 1988, depois de uma difícil greve, os diretores são todos exonerados e a CSN entra com um processo de dissolução da

⁶ Em 1941 a CSN se instala na região, no distrito de Beluno (transformado mais tarde no município de Siderópolis) para exploração de carvão e no distrito de Capivari (município de Tubarão), onde instala um lavador de carvão. Esses dois empreendimentos contribuíram decisivamente no abastecimento dos fornos da grande usina da CSN de Volta Redonda – RJ.

Carbonífera Próspera, transformando todo seu patrimônio em Superintendência Geral de Mineração, totalmente subordinada à administração da CSN. Durante 1988 e 1989, a CSN desativa as minas de Içara e Siderópolis, sob a alegação de estar tendo imensos prejuízos, resultando em 680 mineiros demitidos. Em maio de 1990, é oficializada a desativação da Carbonífera Próspera, a demissão de 1.500 funcionários. É anunciado o processo de privatização da empresa (Rabelo, 1992, p. 17-23)⁷.

1.2 Algumas iniciativas educacionais promovidas pelas mineradoras nas Vilas Operárias

Era comum as mineradoras doarem terrenos para a construção de escolas, pagarem os salários dos/as professores/as, convidarem e manterem religiosas de diferentes congregações para realizarem trabalhos ligados à educação, financiarem construções, fazerem a manutenção de escolas municipais e estaduais, financiarem cursos técnicos profissionalizantes, enfim, apoiarem iniciativas ligadas à educação formal.

Esse incentivo na área educacional se intensificou com a criação, em 1953, da Comissão Executiva do Plano do Carvão Nacional (CEPCAN), a partir da aprovação do Plano do Carvão Nacional, por Getúlio Vargas. A CEPCAN estava ligada diretamente à Presidência da República. Essa comissão também foi criada em Criciúma e dispunha de recursos e em seu plano estavam contempladas várias ações ligadas à exploração do carvão e também as de cunho social para atender as famílias dos mineiros e entre elas estava prevista a criação e apoio às escolas.

Ao analisar os objetivos do Plano de Assistência Social da CEPCAN, Carlos Renato Carola (2001, p. 198) ressalta que fica perceptível “a preocupação em estabelecer uma política ‘racional’ de modo a formar uma família e uma força de trabalho adequada para a sociedade industrial”.

Um artigo publicado na Tribuna Criciunense, no ano de 1957, de 26 de junho, anuncia a doação de um terreno pela CBCA para a construção de um estabelecimento pré-primário denominado Casa da Criança, no populoso bairro da Vila Operária. O anúncio diz ainda que a obra está orçada em um milhão de cruzeiros e será financiada pelo Plano do Carvão Nacional. Na ocasião, o local recebeu a benção do Pe. Estanislau Cizeski, vigário da paróquia, e na ocasião o mesmo enfatizou que “o progresso material de Criciúma exige que seja paralelo ao progresso cultural de nossa

⁷ O estudo sobre o processo de privatização da CSN está mais desenvolvido na monografia A luta dos mineiros contra a privatização da CSN-Criciúma: uma avaliação crítica, apresentado em 1992, no curso de Especialização em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina.

gente” e que “as irmãs beneditinas, que já têm dado provas robustas de sua capacidade e carinho na direção dessas obras, estão dispostas, mais uma vez, a prestar sua colaboração e apostolado para o êxito pleno desse empreendimento”.

2 Percepções teóricas e metodológicas surgidas no ato da entrevista

A entrevista realizada pela professora Marli de Oliveira Costa, em 1998, tinha como objetivo conhecer a história de vida de Rosaria, especialmente relacionada as suas experiências do tempo que viveu na Vila Próspera, entre 1945 a 1961 (período definido pela pesquisadora em seu estudo), e nesse contexto a entrevistada evoca também suas memórias sobre as experiências vividas enquanto aluna e professora. Primeiramente na “escolinha” de D. Margarida, como aluna, e posteriormente como aluna e professora na Escola Reunida José Martinelli.

Mesmo não sendo o foco central, a vida escolar aparece com muita ênfase em todo o momento da conversa que durou três horas. Percebe-se que a vida de aluna e de professora foi extremamente significativa nessa fase de sua vida e por isso lembradas com uma riqueza imensa de detalhes. Mesmo não tendo sido realizada por mim a primeira entrevista, no momento em que tomei conhecimento e comecei a manusear, ficou claro que o ato de rememorar de Rosaria não foi simplesmente um exercício que permitiu trazer lembranças passadas para o presente, pois para ela, lembrar significou um processo de reconstrução, no presente, de experiências vivenciadas no passado.

Esse processo ficou muito evidente quando Rosaria reflete no relato como a postura de suas professoras na E. R. José Martinelli, a influenciou na sua prática como professora anos depois. Também foi possível analisar que o modo autoritário e exigente fazia parte de um estilo do professor daquela época. Trata-se aqui de uma reconstrução do que foi vivido no passado, pois teve consciência disso só no presente até porque essas questões não eram problemas de análise ou problemas educacionais como são hoje, nos seus sete, oito anos de idade e nem nos seus 16 anos, quando iniciou seu trabalho como professora. Contar a sua história ajudou-a na elaboração de uma análise de sua própria trajetória no magistério. Rememorar esses momentos faz parte do trabalho de construção de sua identidade profissional.

Para fundamentar essa afirmação busco Eclea Bosi quando a mesma se refere aos escritos de Henri Bergson em *Matière et mémoire*, ao comentar que:

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo 'atual' das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, 'desloca' estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 1988, p. 2).

A memória pode representar, e nesse caso representou, uma relação de aprendizado do presente com as lembranças do passado. Houve uma relação de diálogo entre o presente e o passado. Marilena Chauí vai dizer que "lembrar não é só reviver, mas refazer. É reflexão, compreensão do agora a partir do outrora; é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição" (CHAUÍ, 1998, p.20).

À luz desse olhar, não existe uma verdade histórica sobre os fatos ocorridos, mas várias representações. Não se tem uma história única, com mesmo significado, mesmo que um grupo de pessoas tenha vivenciado as mesmas situações no mesmo tempo e no mesmo espaço, elas contarão os fatos de diferentes formas. Cada pessoa, em sua trajetória, no seu contexto, constrói o seu próprio labirinto, pois não há uma história de mão única, trata-se de uma teia.

Os fatos do passado ao serem lembrados são re-significados, pois cada um irá recordar a partir de uma determinada condição no presente, ou seja, a partir de um determinado lugar. Sendo assim, não existe história universal e total, mas várias histórias, vários recortes que compõem uma pluralidade. Por essa razão, não é possível conhecer o passado "como ele de fato foi", porque este não existe independente da relação mundo-sujeitos, ele se altera, dependendo das leituras e releituras que são feitas a seu respeito.

Sobre isso Thomson afirma:

As histórias que relembramos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências; quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido. (1997, p. 52).

O passado está sendo construído e reconstruído a todo o momento. O passado não é algo morto e sepultado, mas algo vivo e presente. Não é possível separar o passado do presente, eles formam um

conjunto de experiências indissociáveis. Vivemos um cotidiano de múltiplas temporalidades, um tempo heterogêneo.

A segunda entrevista realizada com Rosaria em 2002 demorou acontecer. Fiz três contatos por telefone com ela, cada contato desse durou em torno de 30 a 40 minutos. Neles ela me colocava as suas dificuldades advindas do sério problema de saúde que estava passando, do tratamento para curar a sua hepatite e da recente internação hospitalar que houve entre o primeiro e segundo contato telefônico.

No telefone ficou evidente o quanto ela era falante e compreendi o porque da riqueza de sua primeira entrevista, pois haviam sido mais de duas horas de gravação, com relatos riquíssimos. No entanto, percebi o quanto era importante esperar o momento propício para realizar a segunda conversa. Rosaria, devido ao problema de saúde, tinha dias que estava disposta e dias que as coisas ficavam muito difíceis. A dosagem de remédios, às vezes lhe deixava indisposta. Mas mesmo assim, no próprio telefone começou por sua própria iniciativa, relatar novamente fatos já conhecidos por mim através da primeira entrevista, quando revelei que gostaria de saber mais sobre as suas experiências como aluna da “escola” da D. Margarida e como aluna e professora da Escola Reunida José Martinelli. Rosaria se colocou à disposição, mas pediu que ficasse a critério dela ligar quando estivesse melhor, para poder colaborar mais com a pesquisa.

Não se tratava de falta de tempo ou vontade e sim limitações impostas pelos seu estado de saúde. A sua memória dependia do bem estar do seu corpo, foi isso que ela quis que eu entendesse. É importante que o pesquisador tenha essa sensibilidade, do contrário algo que pode ser bom se transforma em algo ruim e obrigatório. Percebi pelo tom de sua narrativa que contar mais um pouco de sua história era algo que iria lhe fazer bem, pois pareceu gostar muito em ter que falar sobre sua vida.

No domingo, dia 26 de maio de 2002, Rosaria me ligou dizendo que se sentia bem e que poderíamos fazer a entrevista. Como era domingo e seus familiares estavam em casa pediu que eu a buscasse para fazermos a conversa em minha casa.

A impressão deixada por ela de ser uma pessoa muito falante, confirmou-se quando começamos a conversar pessoalmente. Rosaria demonstrou ser uma fonte inesgotável de história. Bastava fazer uma só pergunta ou apresentar uma questão que já era o suficiente para a sua memória disparar com toda fluidez e detalhes. Nem sempre ela se prendia as questões da escola, mas se remetia também a condição de vida na vila operária, ao trabalho dos mineiros nas minas, a sua experiência como aeromoça, a política, às eleições, às relações de poder. Enfim, as perguntas

sobre a escola evocavam outros acontecimentos relacionados àquele período de sua vida e a outros subseqüentes.

Pode-se afirmar que essas duas entrevistas representam um “mosaico” costurado pela narrativa de Rosaria. Não há uma seqüência lógica e linear dos fatos, pois a questão da escola é apontada em vários momentos distintos das entrevistas e várias relações são tecidas com os outros aspectos de sua infância, juventude e vida adulta. O “rejunte do mosaico” é a narrativa. Rosaria é uma grande contadora de histórias.

Um novo mosaico é elaborado a partir dessas idéias aqui manifestadas, pois as peças são reorganizadas ou organizadas de outra forma e o “rejunte”, que é a forma como eu as apresento, as problematizo, elaboro minha escrita, é outro.

O fato de ter se preocupado tanto em realizar a segunda entrevista, apesar do seu estado de saúde, talvez seja decorrente de sua preocupação em manter essa história viva, pois ela mesma relata que não existem mais documentos sobre a Escola Reunida José Martinelli. Um dia teve que comprovar o seu tempo de serviço e não encontrou nada na Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina e muito menos na 12ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE). Ela tinha guardado em uma antiga mala vários documentos seus e da escola, que se perderam por descuido e hoje ela tem consciência do quanto aquele material era importante e talvez seja por isso que ela se sinta um pouco responsável e se comporte como uma espécie de guardiã da história dessa escola e que certamente tem muita coisa ainda para falar a respeito.

Apesar da experiência e o grupo social que construiu e vivenciou a Escola Reunida José Martinelli terem desaparecido na sua materialidade, a memória sobreviveu pelo fato de ter um significado coletivo. A experiência não pertence somente à Rosaria, ela pertence aos outros professores/as, alunos/as, aos/as funcionários/as e aos/as moradores/as da Vila Próspera, por isso seu significado também é coletivo.

Nas últimas duas décadas do século XX, a sociedade vem sendo marcada pelo instantâneo, pelo descartável, pelo efêmero e pela intensidade dos acontecimentos. O que era há dois minutos atrás já não é mais. A memória e a tradição são algo que tem perdido espaço na sociedade moderna. Uma prova disso é que os velhos na sociedade capitalista são os mais deixados de lado. Basta vermos como as políticas públicas têm encarado essa questão no Brasil.

As sociedades de memória aconteciam nas sociedades artesanais, mas a sociedade industrial roubou esses espaços. Na sociedade moderna, a tecnologia vem substituindo os espaços de memória e nela os espaços de

oralidade estão sendo usurpados e numa sociedade sem memória, não há espaço para o narrador.

Para Benjamin “(...) a arte de narrar está em vias de extinção. São cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente”. Para ele, o narrador tem como fonte a experiência que passa de pessoa a pessoa. Ele extrai das suas experiências as suas histórias ou das contadas por outras pessoas (1994, p. 197-201). O narrador narra uma história tecida pelo coletivo.

A arte de narrar vem perdendo seu espaço porque a imprensa passou a ser um dos instrumentos de comunicação mais importante da burguesia, com isso a nova forma de comunicação passou a ser a informação que é totalmente estranha à narrativa (*Ibid.*, 202).

Poder entrevistar Rosaria, uma senhora de 63 anos nos faz pensar sobre a velhice e nos remete ao pensamento de Eclea Bosi quando trata da mesma enquanto uma categoria social. Baseia suas reflexões nos escritos de Simone de Beauvoir e Sartre. Afirma que a sociedade industrial rejeita o velho, pois é uma sociedade que coloca a mercadoria acima do homem e o avançar da idade significa desvalorização. A velhice que representa um processo natural é vista de forma preconceituosa. Diz que o velho não tem armas, nós é que temos que lutar por eles. A tolerância aos velhos, muitas vezes, é tomada como uma ausência de diálogo e isso não significa tolerância e sim discriminação. Eclea apresenta uma de suas utopias sobre a velhice, deseja que nessa etapa da vida as pessoas assumam causas significativas que não permitam o envelhecimento, que dêem sentido a vida, ou seja, que não deixem as pessoas morrerem antes da sua hora. Eclea também vai se perguntar ao tratar da história dos velhos: por que decaiu a arte de contar histórias? E ela mesma responde: Talvez porque tenha decaído a arte de trocar experiências. A arte de narrar vai sendo desvalorizada com o triunfo da informação. Para ela a narração é uma forma artesanal de comunicação.

Mesmo com seus 63 anos, Rosaria é uma mulher muito jovem, talvez ela fuja um pouco aos padrões atuais como o fez na sua época de juventude. Uma prova disso é que em 2001 ela concluiu o Curso de Direito, pretendendo atuar nessa área quando estiver melhor de saúde. É uma pessoa viva, com muitas experiências e com muita vontade de partilhar sua história de vida, que também é coletiva. Ela não se poupa em fazer denúncias sobre o que via e o que vê, sem se importar em agradar ou desagradar quem estiver lhe ouvindo. Ela resiste ao seu tempo e luta para se garantir na condição de guardiã e uma grande narradora de histórias.

Aqui a história oral possibilitou a manifestação de uma de tantas memórias subterrâneas a serem reveladas sobre as atividades carboníferas e

a sua intersecção com a instituição escolar. Essas memórias subterrâneas, silenciadas pelo discurso oficial têm muito para dizer e mostrar sobre como se deram, no cotidiano, as trajetórias da nossa educação. Pois como afirma Michael Pollak “a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que como parte integrante de culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”(…). (1989, p. 4).

3 Lembranças de D. Rosaria sobre a Escola Reunida José Martinelli na Vila Próspera

D. Rosaria nasceu em 1939, na Vila Próspera em que estava instalada a Carbonífera Próspera. Seu pai era um espanhol que chegou em torno de 1917, na região sul do Brasil e depois passou a trabalhar como mineiro na mesma empresa e depois assumiu como capataz de mina⁸, a partir de 1940.

3.1 Lembranças do tempo de aluna

D. Rosaria tem lembranças de práticas escolares da Vila Operária da Próspera a partir dos seis anos (1945), quando ia levar café na mina para seu pai e passava em frente da casa de D. Margarida, uma senhora negra que ensinava as crianças a ler, escrever e fazer contas. Ela ensinava em sua própria casa. Tinha uma sala com uma mesa grande e bancos e ali D. Margarida ensinava as crianças. De tanto insistir, Rosaria convenceu seu pai de freqüentar a “escola”. Sobre os meios e a forma de ensinar a ler e a escrever praticados por D. Margarida, Rosaria lembra: “a gente usava lousa, e a lousa que eu usava era da minha irmã mais velha e dos meus irmãos, mas estava guardada, eu ia para lá, já estava aprendendo assim as letras do alfabeto, que naquele tempo começava-se a ensinar o ABC, o A, E, I, O, U, não tinha método”.

Passaram-se vinte dias e as crianças foram atingidas por uma epidemia de sarampo e isso custou a Rosaria o abandono das aulas. No ano seguinte, em 1946, outra professora, D. Maria Corrêa fez um levantamento do número de crianças que precisavam estudar. Rosaria não sabe se foi por

⁸ Capataz de mina é um dos trabalhadores indiretos responsáveis pela coordenação e controle do processo de produção e pertence a uma hierarquia que cuida de cada turno de trabalho. Segundo Volpato (1984, p. 65) “a hierarquia de mando e decisão, no setor produtivo, segue a ordem crescente: encarregado-capataz-chefe de divisão-engenheiro”. Ainda segundo a autora, “o capataz, tanto no passado quanto hoje, recebe do mineiro um tratamento próprio de quem está para defender os interesses do patrão e não os da categoria a que pertence” (ibid, p.55).

determinação da Carbonífera Próspera ou por iniciativa de D. Maria. Talvez um dos motivos tenha sido o fato de a escola mais próxima, que era no centro da cidade, Grupo Escolar Prof^o Lapagesse⁹, não ter mais vagas.

Com base no levantamento realizado por D. Maria Corrêa, a carbonífera criou a Escola Reunida José Martinelli¹⁰, em 1946, que funcionou na antiga residência onde morava o Sr. Diomício Freitas, que pertencia à empresa. A escola tinha só D. Maria como professora, sendo esta paga pela empresa, funcionava em dois períodos e atendia aproximadamente 45 alunos por turma. Atendia não só os filhos dos mineiros, dos funcionários do escritório, dos diretores, dos capatazes, mas também os filhos dos agricultores que moravam nas redondezas da Vila Operária. Eles estudavam juntos, mas após as aulas não brincavam juntos. Havia uma divisão entre os da parte mais alta da Vila Próspera, onde ficavam as casas dos funcionários do escritório e diretores da empresa e os que moravam na parte baixa, onde ficavam as casas dos operários.

Segundo Rosaria, D. Maria não era formada, devia ter só a quarta série ou no máximo era “complementarista”, mas tinha um método incrível para alfabetizar e ressalta que “ela [a professora] nunca perdeu um aluno, todo mundo que passou pela sala de D. Maria aprendeu a ler e escrever”. Lembra-se que a professora utilizava-se da cartilha *Laurita*, pois era só o que tinha à disposição¹¹. Lembra-se ainda que a primeira lição era intitulada *Uma menina e seu gatinho* e começava assim: “*a menina se chama Laurita e o gatinho se chama Mimi*”. Sobre isso ela comenta:

A gente primeiro se alfabetizava na cartilha e depois então é que a gente ia para o primeiro livro. Ai ficava o ano inteiro trabalhando em cima de um livro mais forte, mais pesado que trazia poesia de Olavo Bilac e tinha umas histórias. Tinha uma história de um senhor que

⁹ Esta escola foi criada em 15 de agosto de 1932, pelo decreto 261, assinado pelo general Ptolomeu de Assis Brasil, interventor federal. Em 21 de maio de 1933, foi instalada e inaugurada pelo Inspetor Escolar João dos Santos Aivão, no espaço que pertence à Mitra Diocesana. No ano de 1939, a escola passou a ser denominada Professor Lapagesse, em homenagem ao francês Leon Eugêne Lapagesse, educador e escritor de literatura (Jornal Tribuna do Dia, 21 de maio de 2002).

¹⁰ A escola recebe esse nome porque na época de sua criação, quem tinha o controle acionário da empresa era o comendador José Martinelli da qual foi presidente de 25/08/1942 à 15/04/1953, quando a Companhia Siderúrgica Nacional comprou as ações do comendador (MILANEZ, 1991, p. 181-182).

¹¹ O primeiro ano escolar, em 1947, de Rosaria foi de alfabetização. Para isso, D. Maria utilizava-se da cartilha. Só no ano seguinte é que começou a primeira série do Ensino Primário de fato. Ela começou a primeira série com oito anos e conclui com nove anos. Nessa época, o Ensino Primário (instituído a partir da Reforma Capanema, que ocorreu entre 1942 e 1946, no final do Estado Novo do governo de Getúlio Vargas) era oferecido em dois momentos: o Fundamental em quatro anos e o Complementar em um ano.

tinha um serrote que o pessoal pedia emprestado e no final da história tinha alguma coisa que dizia assim: *se o vai e vem fosse e viesse o vai e vem ia, mas como o vai e vem vai e não vem o vai e vem não vai* (entrevista de 2002).

Interessante ressaltar aqui a memorização do “verso” contido na cartilha. Eu já o conhecia e a lembrança de Rosaria me fez lembrar das várias vezes que o meu avô contava essa história quando sentava para fumar o seu cachimbo. Nesse caso, a memória de Rosaria serviu de *“espelho para outras memórias”*, como aponta Madeleine Rébérioux em seu artigo sobre os lugares da memória operária (1992, p.55).

Eu adorava ouvir e depois repetir até conseguir pronunciar corretamente esse mesmo trecho da história. Essa questão remete a reflexão de Hugo Lovisolo, sobre o problema da memorização dentro de uma das linhas da Pedagogia Moderna. Nela se tece uma crítica sempre renovada ou reiniciada à memorização, ao memorismo, às virtudes da boa memória, aos métodos e atitudes que ajudam a memorizar. Em contraposição, defende os processos, os métodos, as lógicas da descoberta e da crítica, a heurística do conhecimento, a dinâmica da interpretação, mesmo havendo dados favoráveis à memória, presentes nas representações populares e mesmo na visão de muitos cientistas sobre seu papel na prática produtiva. Dentro dessa linha da Pedagogia Moderna “A memória deixa até de ser um instrumento de produção, ao contrário, torna-se um obstáculo. No processo de formação dos homens aparecem as atitudes que proclamam, com indisfarçável orgulho, as vantagens de sermos desmemoriados. O esquecimento tornou-se virtude”. (LOVISOLO, 1989, p. 17).

D. Maria era uma professora muito autoritária e exigente, Rosaria considera que esses traços estiveram presentes na sua prática de professora também, principalmente no início de carreira. A sua segunda professora, nessa mesma escola, foi D. Elza Amorim na segunda e terceira série e era também muito exigente e brava. Ela lembra de uma “reguada” que ganhou de D. Maria ao soprar a tabuada para seu colega. Na sua opinião *“o estilo do professor naquela época, pelo contexto que vivia, pela maneira de ser, os professores não tinham muito diálogo com os alunos, era ele e acabou e o que ele dizia estava certo, não podíamos contestar, se fizessemos qualquer coisa que se considerasse errado, tinha castigo corporal”* (entrevista de 2002).

Na escola havia igualdade na composição de gênero. Depois de terminar a 4ª série era muito comum as meninas não continuarem os estudos e os meninos, quando completavam 14 anos, eram aproveitados na Carbonífera Próspera, trabalhando como ajudante de mecânico e outras funções na superfície da mina, com carteira assinada. Quanto às datas cívicas oficiais comemoradas pela escola, Rosaria participava intensamente.

Comenta que ela era o *pão de ló de festa*¹², era a *porta bandeira*, era a *guarda de honra*. Ela tem ainda guardada em casa a faixa verde amarela com a roseta e as luvas brancas. Isso ocorria porque ela era uma pessoa bastante desinibida e também porque sua irmã ajudava-a para manter os seus estudos e tinha condições de comprar o uniforme.

Nas comemorações do Sete de Setembro, os alunos torciam para que não chovesse, pois eles tinham de ir a pé até o centro da cidade e era tudo perita e as ruas ficavam cheias de lama. Para chegarem limpos ao desfile, usavam outro tênis e meia sem serem os brancos e iam caminhando pelo trilho do trem, às vezes, quando chovia muito, a carbonífera mandava lavar um caminhão daqueles que carregava os mineiros e levava os alunos até a rua da Estação de Trem e depois eles iam caminhando pelas ruas calçadas de pedra até o Grupo Escolar Professor Lapagesse, onde iniciava o desfile.

Nas festas ou atos realizados n E.R. José Martinelli, havia a participação dos diretores da carbonífera. Um exemplo desses eventos era a homenagem à bandeira que ocorria todos os sábados pela manhã, após a “sabatina”, quando eram aplicados testes especiais aos/as alunos/as. Nesse dia, os/as alunos/as cantavam o hino, recitavam versinhos e poesias. O hasteamento da bandeira ocorria todos os dias, uma turma sempre ficava responsável, mas no sábado todos/as os/as alunos/as participavam. Os diretores participavam também das festas comemorativas ao Dia da Bandeira e Proclamação da República. Antes da festa do Dia 1º de Maio, promovida para os operários pela carbonífera, os/as alunos/as homenageavam os trabalhadores com poesias.

Depois de concluir a 4ª série do Ensino Primário, Rosaria foi para o Grupo Escolar Professor Lapagesse para fazer o Complementar, em 1952, e no final desse ano realizou o exame de admissão¹³ para ingressar no Curso Normal Regional¹⁴ “Nicolau Pederneiras”¹⁵. O seu padrinho de formatura

¹² Rosaria usa essa expressão para dizer que gostava de chamar muito a atenção de todos.

¹³ O exame de admissão, nessa época, compreendia provas escrita e oral de Português, Aritmética, História do Brasil e Geografia. As disciplinas do Curso Normal Regional eram Português, Matemática, Geografia Geral e Geografia do Brasil, História Geral e História do Brasil, Ciências Naturais, Noções de Anatomia e Fisiologia Humanas, Noções de Higiene, Psicologia e Pedagogia, Didática e Prática de Ensino, Desenho e Caligrafia, Canto Orfeônico, Trabalhos Manuais e Economia Doméstica, Atividades Econômicas da Região, Educação Física, Recreação e Jogos e Religião (estas informações foram retiradas do Certificado de Conclusão de Curso de Ana Gentil Giassi, formanda da mesma turma de Rosaria).

¹⁴ O Curso Normal Regional era uma das modalidades do Ensino Normal (instituído a partir da Reforma Capanema) e compreendia o 1º Ciclo que era organizado em quatro anos e formava o Régente do Ensino Primário que habilitava para lecionar no Ensino Primário.

da 4ª série do Ensino Primário foi o Sr. Heriberto Hülse¹⁶, Diretor Comercial da Carbonífera Próspera. Isso era muito comum, pois eles participavam desses momentos na escola. Rosaria argumenta que isso era decorrente da relação muito próxima que existia entre as famílias dos mineiros e os diretores da empresa. Para ela não existia distinção entre empregado e patrão. *“Paravam para conversar com a gente, davam carona para a gente, muitas vezes o seu Heriberto parava sua ‘barata preta’ [seu carro] para dar carona para os filhos dos operários”* (entrevista de 2002).

Com a ida de sua irmã mais velha para Portugal, que a ajudava na compra dos livros, uniformes e pagamento das taxas da Associação de Pais e Professores (APP), e com a aposentadoria de seu pai, começaram as dificuldades financeiras para manter seus estudos. Rosaria tinha duas opções, cair na rotina de todas as suas amigas de infância que já tinham parado de estudar, porque precisavam trabalhar ou por que já tinham casado com 15 anos, ou procurar um emprego que lhe permitisse continuar com os estudos. Ela não queria ser *“mais uma da Próspera que ia ficar esperando um cara para casar e dar continuidade na vida”* (entrevista de 2002).

3.2 Lembranças como professora

Em fevereiro de 1956, quando ainda tinha 16 anos, soube que a Carbonífera Próspera contrataria mais uma professora para a Escola Reunida José Martinelli. Diante dessa informação, dirigiu-se até o Sr. Sesóstris de Rezende Corrêa, Diretor Comercial da empresa na época. Ela relata esse momento com muitos detalhes.

Eu fui lá para o escritório para esperar o Seu Sesóstris, só que em vez de ficar lá na porta do escritório esperando por ele, que eu teria que esperar que um funcionário fosse lá e visse com ele se tinha possibilidade de me atender, e tinha um monte de gente lá esperando. Uns para pedir casa, para pedir não sei o que, os “pedichos” eram na porta do escritório. Eu fui para a oficina onde ele guardava o carro, na garagem, e fiquei aguardando ali quando ele desceu do carro eu disse: *-Seu Sesostris eu quero falar com senhor.* Ele disse: *-Qual é o problema?* Eu disse: *-O senhor tem tempo*

¹⁵ “Nicolau Pederneiras” foi representante e mandatário geral da Companhia Colonizadora Metropolitana, única empresa privada no sul do Estado de Santa Catarina que fundou a colônia de Nova Veneza, gerenciando-a de 1891 até 1894.

¹⁶ Heriberto Hülse nasceu em Tubarão, em 30 de abril de 1902. Em 1923, veio morar em Criciúma para trabalhar nas Organizações Lage, que depois passou a se chamar CBCA. Em 1934 elegeu-se deputado estadual pelo Partido Republicano Catarinense (PRC). Em 1946, candidatou-se pela União Democrática Nacional (UDN) a deputado federal, ficando como segundo suplente. Em 1954, foi chamado pelo então Governador de Santa Catarina Irineu Bornhausen para ser seu Secretário da Fazenda (Diário Catarinense, 25/11/1993, p. 80).

para conversar comigo? Ele me pegou pelo braço e disse: - Vem comigo. E, me levou para dentro do escritório. Ai eu coloquei para ele que meu pai me disse que não tem mais condições de me manter na escola, eu vou ter que parar de estudar. Ele falou: -De maneira nenhuma, o que tu queres? É uma bolsa de estudos? Eu disse: -Isso não vai resolver o meu problema. Até porque eu não pagava o colégio na época. Eu disse: Eu quero trabalhar. Ele disse: -Tu queres trabalhar aqui no escritório da Próspera? Eu disse: -Não. Eu queria dar aula. Afinal estou me preparando para ser professora. Ele disse: -Vai lá na escola, a D. Maria está lá e diga a ela que aquela vaga daquela turma que está surgindo agora é tua. Mas eu disse: -Mas, eu vou lá assim, e digo para a D. Maria que a vaga é minha? (...) Ele falou: -Vai lá e diz assim, o Seu Sesostris mandou dizer para a senhora que a vaga de professora dessa turma nova é minha. E falei: -Seu Sesostris, D. Maria vai achar que eu sou louca. E ele disse: -Vai lá estou mandando.

Mandou, e eu fui. Ai cheguei lá na escola: -D. Maria o Seu Sesostris mandou eu vir aqui para comunicar para a senhora que esta turma nova que a senhora está criando, a vaga é minha. -A vaga é tua em que sentido? -Vou ser professora da turma. -Como assim professora? -Vou ser professora. -Mas tu nem é formada. -Eu sei que eu não sou formada, mas vou me formar no final do ano. Ai ela me deixou lá e saiu igual a um vendaval para o escritório conversar com o Seu Sesostris, ela já tinha prometido a vaga para uma outra pessoa e como é que ela ficava. Por fim o seu Sesostris falou para D. Maria: - Quem manda aqui sou eu e a escola é da Próspera, ela está aqui para atender os operários da Próspera e os filhos dos operários da Próspera e a moça que eu mandei lá para a senhora é filha de uma família que trabalha para a Próspera, e ela vai ser mais uma funcionária da Próspera e assunto encerrado.

E assim eu comecei de contra pé com a encarregada da escola. Embora ela tivesse sido minha professora e eu gostasse muito dela, e não é porque ela morreu que eu deixei de gostar dela, sempre reconheci os méritos dela, mas ficou uma situação meio desagradável (entrevista de 1998).

Segundo Rosaria, houve inclusive problemas no início quanto aos horários, pois a aula com sua turma começava às 11h e terminava às 14 h., horário em que começava sua aula no curso normal e ainda tinha que ir à pé da Próspera até o centro da cidade. Rosaria não lembra de ter conversado com o Sr. Sesostris a respeito desse assunto, só lembra que o horário mudou para 10h 30m até às 13h 30m. Esse horário fazia parte dos três turnos de funcionamento, necessários para poder atender a demanda de alunos/as.

O primeiro ano de trabalho como professora foi bastante difícil, tinha que ir de uniforme de normalista para a escola onde lecionava, com todo material e sua mãe mandava o almoço para ela comer no horário do recreio das crianças. Rosaria não tem boas lembranças do seu primeiro ano no magistério, pois além do horário ruim, pegou uma turma de primeira

série em que todos eram alunos repetentes da primeira série há três ou quatro anos seguidos. Na sua opinião, isso ocorria em função de existir duas turmas na qual professores responsáveis eram pagos pela prefeitura e estes não estavam preparados ou não gostavam da profissão, pois suas turmas eram as mais fracas. Além disso, existiam os alunos com problemas familiares, desinteressados e muitos faltosos. Ela relata sua primeira experiência dessa forma:

Peguei uma primeira série com 42 alunos. Tudo repetente, eu não tinha um novo. E cada um com uma deficiência em uma determinada área. Tinha aluno que não sabia fazer o "A", tinha outros que já escreviam alguma coisa. Chorava que não é fácil! Como eu ia resolver os problemas, a gente não tinha orientação didática, a gente não tinha pedagogia, a gente não tinha nada. Aí tinha uma professora que foi minha professora na 4ª série aqui na escolinha, depois foi minha professora no quinto complementar (...). Ela me ensinou a fazer o primeiro plano de aula, a organizar o primeiro caderno. Eu fui para lá com uma vontade louca de ser professora, mas sem conhecimento, sem a menor noção, porque a didática e a metodologia seriam dados na 4ª série que era o ano que eu estava começando. Em termos de visita do inspetor que esteve na minha sala foi uma calamidade. Ele me deu acho que um conceito regular, acho que mais por incentivo que por outra coisa porque realmente eu era completamente perdida, sem noção de programa, de como relacionar matéria, eu apanhei muito no começo, minha mãe disse: *Desiste*. Mas eu disse: *Não desisto, eu vou ser professora* (entrevista de 1998).

Depois de um ano com a 1ª série, assumiu uma 2ª série, os alunos já escreviam histórias, faziam quadrinhas, poesias e cantavam. Considera que sua carreira só começou realmente a partir desse momento, pois em 1957 já tinha concluído o Curso Normal Regional e iniciado a Escola Normal em outro estabelecimento, agora particular.

A partir de sua formatura, ela se encontrou como professora porque sua carreira começou a deslanchar. Trabalhou com segundas séries até 1960. Conta que sempre foi além do plano de aula e organizava muitas atividades em casa para trabalhar com seus alunos. Embora não tivesse material didático, ela fazia uso de sua criatividade, pegava no depósito do escritório da empresa fichas de cartolina inutilizadas, nas quais eram feitas as anotações da frequência dos operários. Também utilizava as revistas SESINHO que tinha guardado desde os 10 anos de idade quando ia ao supermercado do Sesi fazer compras para a sua família. Sobre isso ela comenta:

Numa série da revista vieram as roupas típicas de cada país (...). Eu tinha todos os países, até as bandeiras e as roupas típicas. Aí então eu recortava, a gente trabalhava, as crianças contavam histórias, eu

dava a cada um desses bonequinhos aqui para eles inventarem uma história. Sobre uma menina portuguesa, sobre algo que aconteceu em tal país e tal e com isso eu estava dando geografia, dando história e língua portuguesa (entrevista de 2002).

Na sua formatura no Curso Normal Regional, em 05 de dezembro de 1956, o Paraninfo de turma foi o Sr. Heriberto Hülse, que havia sido eleito Vice Governador do Estado de Santa Catarina, tendo como titular Jorge Lacerda. O seu Padrinho foi o Sr. Sesóstris, agora Diretor Comercial da empresa. A esse respeito Rosaria admite que o seu Sesóstris tinha que ser o seu padrinho de formatura, afinal de contas ela só terminou o Curso Normal Regional porque ele havia dado o emprego a ela. Na verdade, ela queria ter convidado seu pai para padrinho, mas devia esse favor ao Sr. Sesóstris.

Por volta de 1954, chegam as freiras da congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência em Criciúma, trazidas pelo SESI e apoiadas pela Carbonífera Próspera. Elas ajudavam no trabalho educativo que ia além do espaço escolar. Junto aos alunos davam aula de religião aos sábados, já nessa época as aulas aconteciam em dois turnos, das 8h às 10h e das 10h às 12h e também organizaram uma banda chamada Filho do Mineiro¹⁷ da qual alguns garotos passaram a fazer parte. Foi uma forma de preencher o tempo das crianças com atividades educativas fora do horário escolar. Rosaria conta que nesse tempo, fora da sala de aula, as crianças, principalmente os meninos, costumavam tomar banho em açudes formados pelas chuvas nas bocas de minas de carvão desativadas e alguns chegaram a morrer afogados, pois no fundo desses açudes, muitas vezes, existiam pedaços de pau e madeira, tornado-se muito perigosos, além da profundidade.

Segundo Rosaria, *“uma das maneiras das irmãs tirarem eles dessas atividades que não eram nada produtivas”* (entrevista de 1998) foi envolvê-los em atividades ligadas à música, à leitura principalmente. Lembra até de um caminhão com um baú, em que as freiras passavam filmes educativos e carregavam uma biblioteca itinerante. Rosaria gostava muito de ler livros de literatura infantil. Quando a Banda Filho do Mineiro se apresentava, os diretores da empresa sempre prestigiavam. Isso mudou muito quando começaram a vir diretores do Rio de Janeiro, indicados pela CSN.

A primeira diretora da Escola Reunida foi D. Maria Corrêa, depois, em 1958, foi a D. Zulcema Póvas Carneiro que na época era normalista. A partir desse momento, a diretora elaborava em casa as

¹⁷ Surgiu em 58 e existiu até 1976.

questões para as provas finais e as correções eram feitas em sua casa na presença das professoras. Para Rosaria, as professoras *“passavam por uma situação de descrença porque o próprio professor da turma não tinha autonomia”* (entrevista de 2002), pois mesmo não havendo credibilidade sobre o trabalho do professor as questões deveriam ser elaboradas com a sua participação, e quanto à correção, o máximo que poderia ser feito era deixar o professor corrigir e depois a diretora revisar.

Numa ocasião, ocorreu algo muito desagradável com os alunos da 3ª série, pois as questões de matemática foram trocadas por questões de outra série e os alunos foram todos reprovados. Diante disso, alguns pais foram até à direção da Carbonífera Próspera para que a mesma tomasse providências, pois as questões dadas não faziam parte do conteúdo trabalhado em sala de aula. A situação foi revista e os alunos foram aprovados.

Além de preparar suas aulas, Rosaria gostava muito de ler. Depois que começou a trabalhar colecionou duas revistas femininas, a QUERIDA e a VOCÊ. Lia também gibis de faroeste comprados ou ganhos por seus irmãos.

Sobre a questão salarial, ela considera que ganhava bem, compara com um salário atual pago aos engenheiros. Na época correspondia a 50% (só trabalhava 20 horas semanais) do menor salário pago aos funcionários da Carbonífera Próspera. Recebia 1.500 cruzeiros mensais. Não existia um Plano de Cargos e Salários, todas as professoras recebiam o mesmo valor, independente do tempo de serviço, com exceção da diretora da escola que recebia uma gratificação. Ela avalia que o salário era bom em função dos direitos conquistados pelos mineiros por meio de sua luta sindical.

Rosaria lembra de outras professoras suas colegas que se formaram na mesma época no Curso Normal Regional e que também moravam na Vila Próspera. Sua memória é precisa nos nomes: Adélcia Freitas, Olívia Salvador, Miriam Luz e Alzira Gomes. Contando com ela, eram as cinco professoras formadas que moravam na Próspera.

Rosaria faz uma avaliação do seu trabalho e argumenta:

Eu gostava tanto de ser professora, embora eu tivesse fama de brava, eu e meus alunos a gente se relacionava tão bem! Pelo fato de ser mais jovem, em relação as outras professoras ali, eu brincava na hora do recreio com meus alunos, jogava pião com eles, pulava corda, balançava corda para eles pular, brincava de roda, eu nunca fui professora de ficar em sala de professor conversando, a não ser na época que tinha que almoçar lá que o tempo era pouco, mas mesmo assim eu procurava sempre estar em contato com meus alunos. E meus alunos sempre tiveram muita facilidade para se

expressar, acho que eu conversava muito com eles (entrevista de 1998).

Sem poder continuar seus estudos em 1957, pois ainda não tinha a Escola Normal funcionando na cidade, Rosaria cursou Corte e Costura na Escola Profissional “Lucília Hülse”. Em 1958, matricula-se na Escola Normal “Madre Tereza Michel”¹⁸, concluindo o curso em 12/12/60, quando tinha 21 anos. O Paraninfo de sua turma foi novamente o Sr. Heriberto Hülse. Nessa época ele estava como Governador do Estado de Santa Catarina, por causa da morte de Jorge Lacerda¹⁹.

A Escola Reunida José Martinelli da Carbonífera Próspera funcionou até 15 de dezembro de 1960, mas antes de fechar, em 1956, recebeu mais duas salas de aula de alvenaria na parte de baixo da Vila Próspera, pois a demanda de alunos aumentava a cada dia. Após o fechamento, essas salas passaram a funcionar como jardim de infância e os filhos dos operários foram transferidos para o Grupo Escolar Heriberto Hülse, da rede estadual de ensino, inaugurado em 6 de janeiro de 1961, construído sobre um terreno minerado doado pela Carbonífera Próspera, onde funcionava uma mina a céu aberto. Essa escola, mesmo sendo da Rede Estadual, recebia ajuda da carbonífera no fornecimento de lenhas para a preparação da merenda e também na parte de manutenção. Segundo Rosaria, existiu até o momento em que os diretores eram da região e depois disso não mais ocorreu, quando os diretores começaram a vir do Rio de Janeiro.

Em 1961, Rosaria foi para o Rio de Janeiro e trabalhou como aeromoça até 1963. Em 1964, reassumiu a função de professora no Grupo Escolar Heriberto Hülse, aposentando-se como diretora em 1989. Entre os anos de 1975 a 1978 fez o curso de Graduação em Matemática. Ao todo foram 33 anos de magistério.

¹⁸ A Escola Normal “Madre Tereza Michel” era particular, foi criada por decreto em 1957, e era dirigida pelas Pequenas Irmãs da Divina Providência. A Escola Normal correspondia ao 2º Ciclo do Ensino Normal, era realizado em três anos e formava o Professor Primário. A turma de Rosaria foi a primeira a se formar.

¹⁹ Jorge Lacerda faleceu 16 de junho de 1958, num acidente de avião, quando viajava para a cidade de São Paulo. Com a morte de seu titular, Heriberto Hülse assume como governador até o final de 1960, quando termina o mandato. Em seu governo foi dando continuidade a várias obras iniciadas por Jorge Lacerda, mas é importante ressaltar algumas feitas na área da educação. Em seu governo foi construída em Criciúma a Sociedade Comunitária de Auxílio aos Mineiros (SCAN) e a Escola Técnica Osvaldo Pinto da Veiga. Realizou negociações que resultaram no convênio de implementação e funcionamento da Faculdade de Medicina (depois integrada a UFSC). Realizou a planificação da Cidade Universitária da UFSC, onde instalou a Faculdade de Filosofia e concluiu as obras do Instituto Estadual de Educação (Diário Catarinense, 25 de novembro de 1993, p. 80-84).

Ao rememorar seu passado, Rosaria se preocupa com a minúcia de suas recordações, as lembranças são detalhadas nas suas duas entrevistas. E o interessante é que as suas lembranças evocam outras e essas levam a outras e assim sucessivamente. É como se ela estivesse “desenrolando um novelo” e “tecendo uma rede” de pensamentos expressos em sua oralidade. O cotidiano é lembrado em gestos, hábitos e práticas e de uma forma viva e apaixonada.

Referência

CAROLA, Carlos Renato. Dos subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002.

CHAUÍ, Marilena de S. Apresentação: Os trabalhos da memória. In: BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: EDUSP, 1988.

COSTA, Marli de Oliveira. Artes de Viver: Recriando e Reinventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera Criciúma (1945/1961). Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 1999.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BOSI, Eclea. Memória e Sociedade: lembrança de velhos. São Paulo: EDUSP, 1988.

LOVISOLO, Hugo. A memória e a formação dos homens. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v.2, n.3, p. 16-28, 1989.

MILANEZ, Pedro. Os fundamentos históricos de Criciúma. Florianópolis: Ed. do autor, 1991.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: São Paulo (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH. São Paulo, DPH, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Estudos históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.3, p.3-5, 1989.

RABELO, Giani. A luta dos mineiros contra a privatização da CSN-Criciúma: uma avaliação crítica. Florianópolis: UFSC, 1992. (Trabalho de conclusão do Curso de Especialização em Serviço Social).

RÉBÉRIOUX, Madeleine. Lugares da memória operária. In: São Paulo (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania/DPH. São Paulo, DPH, 1992.

THOMSON, Alistair. Reconstruindo a Memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. In: Revista de Estudos Pós-Graduandos em História e do Dpto. de História da PUC-SP. São Paulo, n.15, abr. 1997, p. 51-84.

VOLPATO, Terezinha G. A pirita humana: os mineiros de Criciúma. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984.

Jornais:

Jornal Tribuna do Dia. Criciúma, 21 de maio de 2002.

Jornal Tribuna Criciumense. Criciúma, 26 de junho de 1957.Dia

Diário Catarinense. Governadores Santa Catarina: 1739/1993. 254 anos da história catarinense. Encarte

Giani Rabelo é professora da disciplina de História da Educação na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) e Secretária de Educação do Município de Criciúma. Membro do Grupo de Pesquisa Emergente cadastrado no CNPq "História e Memória: o Processo de Educação Escolar em Criciúma-SC"

Endereço: R. Abílio Paulo, 285/304. Bairro Próspera-Criciúma-SC - CEP 88802-060. E-mail: gra@unesc.rct-sc.br

Data recebimento 31 de maio de 2003

Data de aprovação 15 de outubro de 2003